

Greve esbarra na Justiça

TRIBUNA DO BRASIL

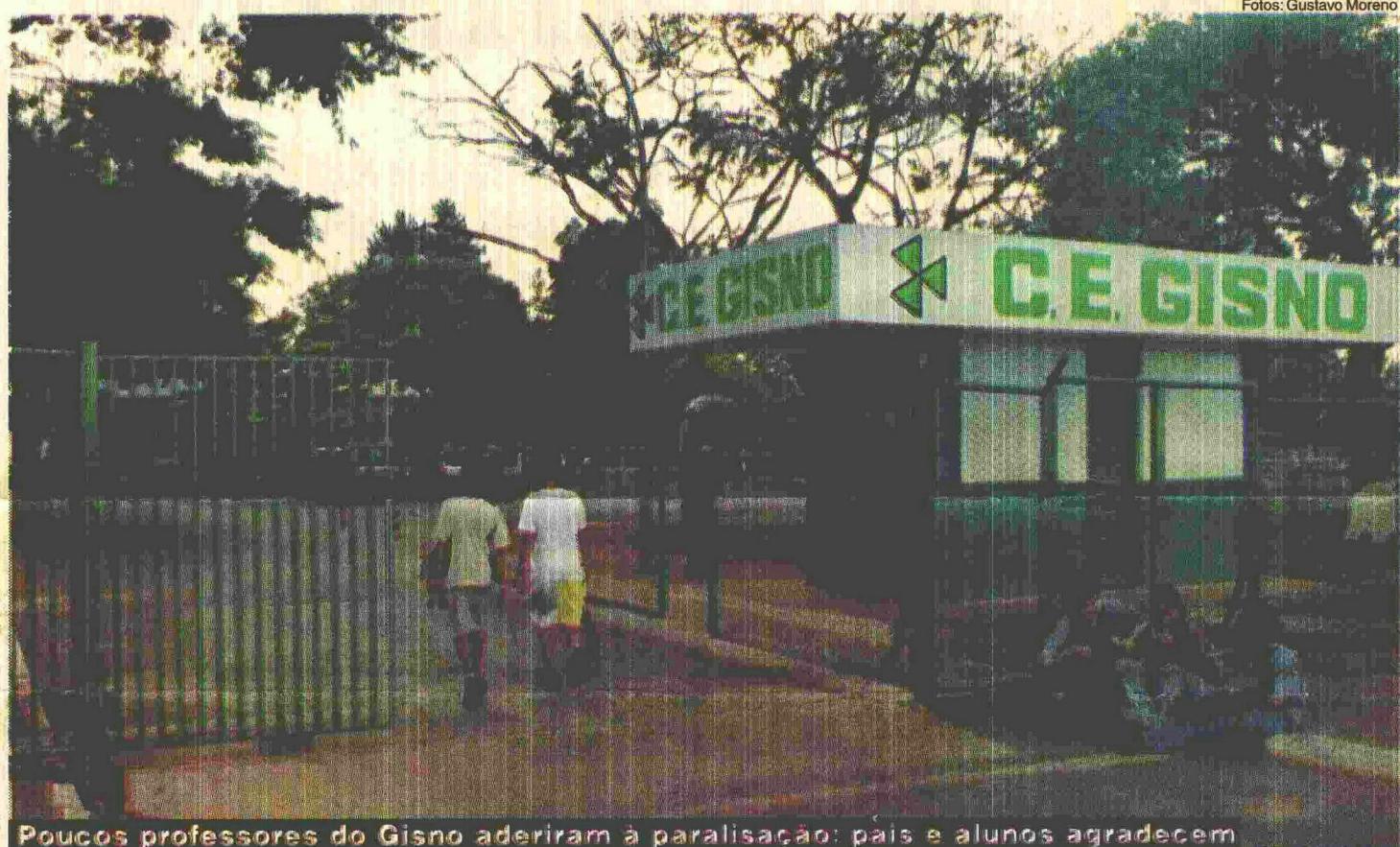
09/03/2002

JUÍZA DA 12ª VARA CÍVEL DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DF E TERRITÓRIOS JULGA AÇÃO CONTRA O SINPRO NA PRÓXIMA SEMANA. OBJETIVO É A VOLTA IMEDIATA ÀS AULAS

Desrespeito à população do DF. É com esse argumento que o procurador dos Direitos do Cidadão, Antônio Ezequiel de Araújo Neto, entrou com uma ação civil pública no Tribunal de Justiça do DF e Territórios contra o Sindicato dos Professores (Sinpro) pedindo a suspensão imediata da greve. Ezequiel alega que esse movimento representa uma quebra de continuidade de um serviço público essencial à população. O procurador aconselhou, ainda, a cobrança de uma multa de R\$ 500 mil do sindicato para cada dia parado.

Segundo a assessoria de imprensa do TJDF e Territórios, o processo deverá chegar às mãos da juíza da 12ª Vara Cível, Luciana Corrêa Torres, na segunda-feira. Se o parecer dela for favorável à ação, os professores deverão voltar imediatamente às salas de aula. De acordo com César Santos, diretor do Sinpro, os docentes não vão cumprir a determinação do procurador e tentarão reverter esse quadro na Justiça. "Estamos consultando os nossos advogados e analisando os documentos".

O Distrito Federal tem hoje 30 mil professores nas escolas públicas. Até a noite de ontem, o sindicato não tinha um balanço do movimento. O professor Hamilton Carlos, que leciona em Ceilândia e Taguatinga, por exemplo, não



Poucos professores do Gisno aderiram à paralisação: pais e alunos agradecem

aderiu à greve. "Tenho as minhas contas para pagar e o meu dever de professor, que é ensinar à comunidade, a cumprir".

César Santos afirmou que, na assembleia de quinta-feira, na qual a paralisação foi aprovada, 8,5 mil professores estavam presentes e 97% deles foram favoráveis à greve. A PM calculou o número de participantes em quase quatro mil. Na quarta-

feira, um dia antes da assembleia, outro diretor do sindicato, Antônio Lisboa, garantia que "com a insatisfação da categoria, teremos 10 mil presentes". Não teve a expectativa correspondida.

O movimento dos professores sempre acaba por prejudicar os estudantes. Carolina Teixeira, 14 anos, conhece bem essa realidade. "Dois dos meus professores aderiram à greve.

Tenho dez disciplinas e esse número é até baixo. O problema é que muitos alunos faltam aula achando que não teremos atividades. Além disso, quando a greve acabar, teremos que repor aulas dessas matérias e a qualidade do ensino nunca é a mesma, pois as aulas geralmente são aos sábados, quando todos esperam por descanso".

Paulo Roberto Primo, diretor

do Centro Educacional Gisno (Asa Norte), informou que o número de professores da escola que aderiram à greve é bastante pequeno. "Nossa escola tem 106 professores. Desses, apenas 30% estão parados. Os estudantes que vêm para a escola têm aula. Se o seu professor não estiver em sala, eles assistem à aula junto com outra turma que esteja no mesmo ano escolar".